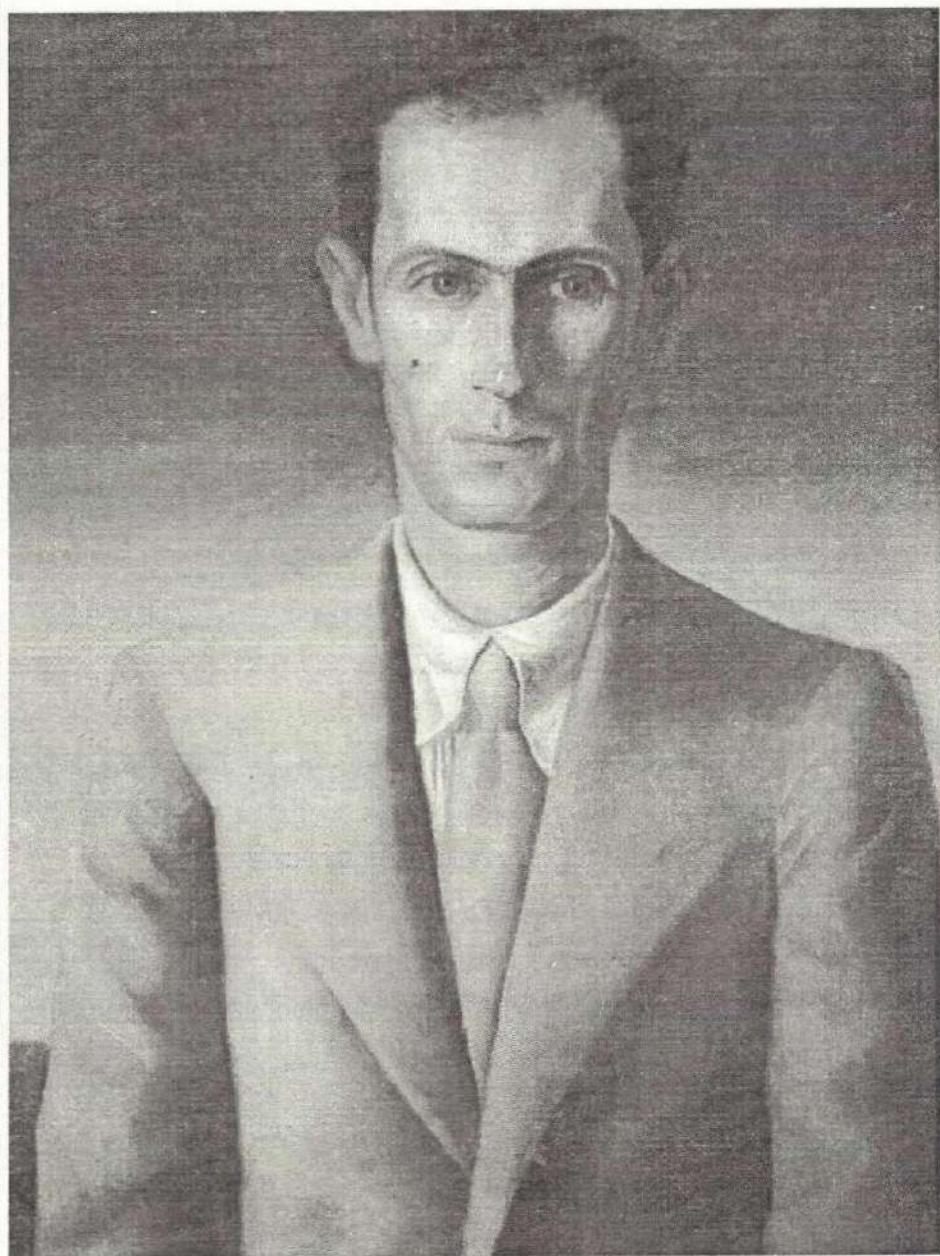


Asas da Palavra

Asas da Palavra

A MOÇA CONTOU

Carlos Drummond de Andrade



A MOÇA CONTOU¹

Carlos Drummond de Andrade

O Marajó é uma coisa fantástica, só você vendo... E depois de ver, é capaz de não acreditar. Você vê, sente, vive o Marajó, contar é difícil. Adianta? Então você vai comigo a Salvaterra, coisinha de nada, mas tão verde que é um anúncio de primavera. Perto a gente dá uma olhada em Condeixa, nome que dá vontade de comer. É ameixa, fruta-de-cônde, sei lá o que as palavras oferecem ao nossos sentidos. Joanes, tão português-antigamente, você gosta? Pois olhe, tem nada de clássico-frei-luís-de-sousa, eu estudei na Faculdade, é (ou deve ser) corruptela de juionas, uma nação de índios deste Pará velho-de-guerra. Joanes faz parte de Salvaterra, você repare nas ruínas de lá, é de uma melancolia, um recuar no tempo. Agora, a 15 minutos de lancha de Salvaterra, dê uma olhada em Soure, isto sim, nominho portuga até dizer chega, pois você não vê que vem de *saurium*, e remonta à ocupação romana em terras lusíadas?...

Ah, essa minha erudição. Desculpe. Você está no Marajó, não viaja de carro, carece viajar de avião para curtir essa renda colossal de rios separando as terras. Eta arquipélago danado, deslumbrando, perturbando a vista miudinha da gente! Mas de barco é que você deslumbra mesmo, não tem conversa. Apeando do na-



vio no lusco-fusco (foi o que me aconteceu uma vez, conheci na travessia um fazendeiro, ele me convidou para conhecer a fazenda, fui). É bom viajar meio sem programa, topando o que vale ser topado, entende? Na luz fraca do amanhecer, a casa-grande, de madeira, sobre estacas, parecia suspensa no ar, o terraço voltado para as terras.

Fazenda marajoara, nem-te-conto... O infinito. O verde. Os bichos selvagens. Lá você encontra restos de ferramentas, restos de cerâmica, a vida antiga do índio que fala à alma da gente e atiça curiosidade de saber mais, mais. Garças e guarás vermelhos pousando nas lagoas. Jacaré de montão. Tudo. O mundo tá acabando de nascer, numa inocência de gênese. Ô vida colorida, arcoirizada! Reunião tão grande e variada de cores e tons que você fica bobo, sem saber se olha ou bebe a paisagem. Passeia de canoa, você tem de passear adoidado de canoa pelos igarapés que não acabam nunca. Pelos furos. A companhia de você é aquela espécie de arbusto pousado à beira d'água, durante todo o percurso: aves brancas, róseas, vermelhas que não se assustam com o barulho doce dos remos ou o ronronar do motor da lancha. Ali estão, ali quedam. Flaminguinho tem lá medo dessas coisas?

Cuidado? Sim, o cuidado pra você não se perder no labirinto dos igarapés fica por conta do cabloco da região, que conduz a canoa. Pode confiar. No fim do passeio você está em casa comendo queijo fresco de leite de búfalo, brincando com o veadinho domesticado, uma graça, e pensamentando: Eta Brasil maior que o Brasil!

Mas tem também o leite do amapá, remédio forte pra asma e bronquite, além de cicatrizar ferida; a salva-do-marajó, ervas e sementes que compõem uma bruxaria saudável contra todos os males. O melhor doutor é a natureza, médico nenhum pode com essas plantinhas que não estudaram, mas sabem curar as mazelas do corpo... Então, tranqüilo porque se vier macaco a terra dá um jeito, você pode papear preguiçoso com siá Dulcinéia e seu João Japão, por exemplo. Debaixo da mangueira. Eles sabem das coisas. No fim da praia, lá está siá Maria das Cabras, matriarca valente, velhinha, comandando a família com amor e humanidade. Puxe conversa com ela. Pare diante da casinha lilás à beira da praia, que tem uma tabuleta: "Joga-se xadrez". Se



não souber jogar, não entre. Lá dentro tem um velho, americano cercado de livros, discos, uma flauta e um tabuleiro de xadrez. Era músico de uma sinfônica na terra dele, foi pra guerra, voltou meio lelé, arrumou a trouxa, veio arrancar aqui. O Marajó tem tudo.

Salvaterra, salvação de muita gente das sete partidas do mundo. (São sete?). Tem aí uns estrangeiros que não querem sair de jeito nenhum desse fim-de-Brasil feito de água e de verde pulsante. Durante as férias, gente do país e do exterior se reúne lá para a volta à vida simples. Tiram a pele da cidade, entende? e se anonimizam numa espécie de fusão panteísta. O corpo reage por si, independentemente de você. A visão dilata-se, as cores avivam-se, os sentidos apuram-se, e você, libertado de você, sente-se *awaware*, penetrando as coisas e penetrado por elas... Difícil explicar isso. Por mais coisas desimportantes que você fale, mais verdades essenciais dirá. Por mais silêncio que haja, mais será compreendido.

E nada de turismo, ouviu? Essa idéia some no ar. Salvaterra é um segredo, um presente fechado, porta-jóias, senha maçônica. É preciso respeitar Salvaterra. É preciso amar Salvaterra.

Assim falou a moça, apaixonada do Marajó, Lívia de nome, e está feita a crônica.



